

Buriti

Associações de Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas
do Município de Coelho Neto



Nova cartografia social da Amazônia

19

Quilombolas
de Coelho Neto

Maranhão





Discussão dos mapas em uma residência na Comunidade Quilombola Barro Vermelho

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 19
Quilombolas de Coelho Neto – Maranhão

Caxias, 2007
ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe de pesquisa

Arydimar Vasconcelos Gaioso – GESEA-CESC/UEMA
Adaildo Pereira dos Santos – GESEA
Gyordanna Patrícia Pereira Silva – GESEA
Jhuliane Mendes de Abreu – estudante do Curso de História – CESC/UEMA

Edição

Arydimar Vasconcelos Gaioso – GESEA – CESC/UEMA

Colaboração

Antonio Nonato Sampaio – Coordenador da Área de Quilombo
Antonio José da Silva “Bispo”
Ezequias Martins
Sheila dos Santos Carvalho

ENTIDADES PARTICIPANTES DAS TRÊS OFICINAS DE MAPAS REALIZADAS EM COELHO NETO

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado São Pedro

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Cocal

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Santa Maria

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Pindaré

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Olho D’água Grande

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Cruz

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Cafundó

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Santa Velha

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Sobrado III

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Quatis

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Bahia

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Sapucaia

Associação dos Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Povoado Matapasto

Cartografia temática e geoprocessamento

Isaias Araújo Cunha
Adaildo Pereira dos Santos

Fotografia

CONAQ – Coordenação Nacional de Quilombolas
Arydimar Vasconcelos Gaioso
Adaildo Pereira dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br



Participantes da Oficina de Mapas das Comunidades Remanescentes de Quilombo de Coelho Neto realizada em 12 de fevereiro de 2007, esquerda para direita: Evaristo Vieira, Manuel Tibúcio, José Gomes, José Getil, Nonato Sampaio, Francisco Borges, Marlene Silva, Antonio Marcelino, Merandulina Vieira, Francisco Silva “Chico Salú”, Fernando dos Santos, Deusdete Gaspar “Dete Quirino”, Antonio Divino, Sandra de Sousa, Manoel Moura, Evilásio Moraes, José de Ribamar “José Curuca”, Luís Gonzaga Ferreira “Luís Souteiro”, Francisco Silva, Delcione Gaspar, Luís Ramos, José Antonio César, Leonardo Santos, Luís Gesuíno, Deuzuita Duarte

REFRÃO

Todos pelo desenvolvimento
 Já entrou pra história
 Na inclusão social
 Destaque para os quilombolas

I

Brasil um país de todos, slogan nacional
 Agora é a nossa vez, igualdade racial, de verdade em Coelho Neto,
 Assistência social, assistindo nosso povo, como isto é legal

II

Que bom nós quilombolas, ciganos e outros demais,
 Pelo reconhecimento, que o governo nos traz,
 Lula e Magno nos integra com muita dignidade,
 Quilombolas, quilombolas, quilombolas de verdade

III

Pindaré, Cocal e São Pedro, Matapasto, Selva e Grotão,
 Cafundó e Santa Maria, Olho D’água Grande anfitrião,
 Cruz e demais povoados, quilombolas meus irmãos,
 A história brilhante da vida, isto sim é inclusão

Letra e música: Ezequias Martins,
 Presidente da Associação de Agricultores
 e Agricultoras Familiares do Povoado Cafundó

É... eu tinha doze anos de idade... eu ia pra casa do tio Antero, um velhinho, que antigamente ele era o carregador da carta, das cartas do patrão, do Cafundó pra Santa Maria, de uma senzala pra outra, que chamava senzala, né. Eu perguntava: – Meu tio, como era as coisas? – Meu filho eu era o carregador das cartas aqui da senzala, – que ele chamava furria, – da furria do Cafundó, pra Santa Maria, eu mais meu patrão. Quando deu um dia meu filho, eu saí da garupa do burro do patrão, do Cafundó pra Santa Maria. Quando eu cheguei perto da Santa Maria, eu vi um trovejo de foguete pra lá. O que será aquilo? Quando encontro um bando de negro gritando e atirando e naquela maior alegria. Meu filho, eu também saltei da garupa do burro e disse: eu também tô forro” e fui pro meio dos negros gritar também... no dia que foram liberto pela princesa”.
Raimundo Martins “Baiô” – Quilombo Cafundó



D. Benedita – Matriarca do Quilombo Cocal

Olha, antigamente nós tinha algum local de terreiro lá, mas aí o pessoal foi embora. Tinha boi, um bumba-meu-boi. Na época de São João faz fogueira. No ano novo a gente vai a capela, todo mundo se junta, colabora, faz um jantar. Mas a gente tá querendo reativar o bumba meu boi e o tambor de crioula. **Deusdete de Souza Gaspar** – “Dete Quirino”, Quilombo Escondido – Santa Maria
 Não tinha um ano que não faziam bumba-boi, tambor. Rolavam três, quatro dias. Aí faziam aquelas festividades. Na frente da minha casa mesmo, onde eu moro, tem um aterro monstro, um galpão que era onde o padre rezava três dias de missa. Tá o aterro completo ainda lá.
Raimundo Martins “Baiô” – Quilombo Cafundó



Arqueologia de superfície

Antiga argola usada no pescoço dos escravos par impedir a fuga da casa grande, encontrada no Quilombo Selva

Tecnologia cultural



Peças do Antigo Engenho– Quilombo São Pedro



Antigos Pilões – Quilombo São Pedro

A usurpação das terras de herança

É o caso de hoje. Oitenta por cento das terras do município de Coelho Neto são do Grupo João Santos. É por causa disso que a maioria do povo que vivia aqui tá tudo na zona urbana (...)

Na década de 70, 73, 74, 75 foi a revolução maior, nessa época. Quando começou, no início, o povo não queria se adaptar, num quiseram. Aqueles que não se assujeitaram, tiraram pra fora. Tem muita gente longe, distante das famílias e outras que não tiveram a coragem de sair. (...) Pra dona Benedita que é a mãe da turma toda, é a mãe de tudo lá, tem quase cem anos, mas se você conversar com ela, ela conta a história dela desde os dois anos de idade pra cá. Alí tem gente dela espalhado por Teresina que saiu obrigado, mas tão falando em voltar. Nosso empenho dos moradores... não se arredam... somos descendentes de escravos mesmo. (...) A Dona Esmeralda... a terra dela era de três herdeiros. Eles eram três herdeiros. Aí os dois primeiros venderam pro Grupo... não venderam pro grupo, venderam pra outras pessoas e outros não puderam se adaptar prá lá e venderam pro Grupo. Aí ela ficou com a heranzinha dela. Quando o Grupo entrou pra tirar a terra dele, tirou onde ele quis, onde ele bem quis, onde era a sede, deixando ela só nas quebradas de morro. No caso da terra ser menor e ele com todo o poder, com uma parte maior, aí foi o caso dela que queria ficar na sede, onde era o lugar dela, a casa dela. Como não deu pra ela ficar, ela se desgostou e vendeu também. Aí ele ficou com a área toda... compraram tudo.

Evilásio Moraes – Quilombo Cocal

A intenção do grupo João Santos é diminuir o número de moradores dentro das terra, então a energia... a energia já tá dizendo: pode permanecer alguém e vir alguém. Olha, bem aqui nós temos um povoado a exemplo. Vera Cruz era um povoado populoso, foi saindo um... e eles derrubavam a casa, saindo outro... Lá não tem mais nenhuma casa. Plantaram cana. **Ezequias Martins – Quilombo Cafundó**

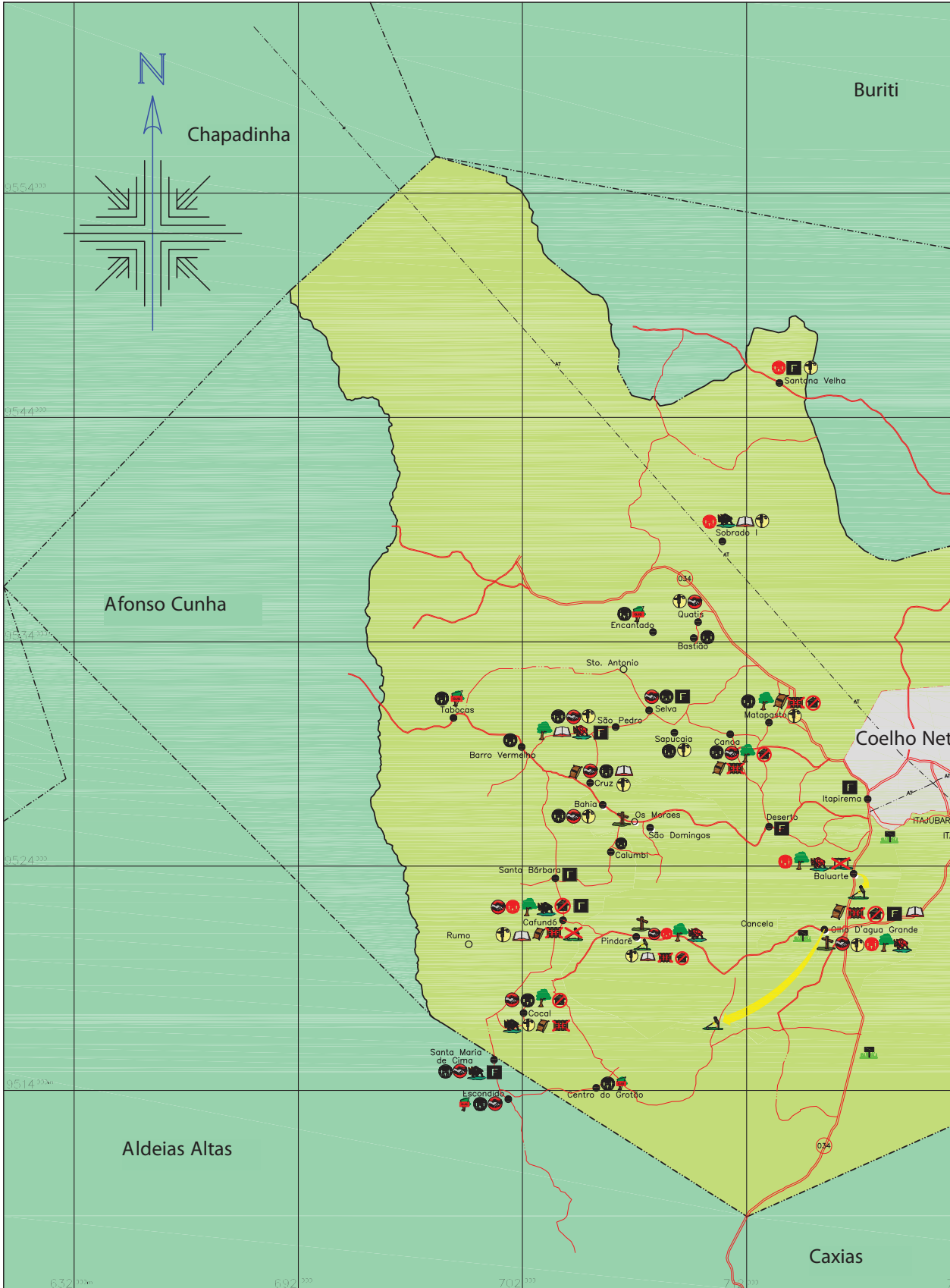
Enquanto você está quieto, pode fazer o que quiser, não mexe com ninguém, mas se chegar alguém lá e denunciar você de qualquer coisa, aí você vai ficar sendo o alvo do pessoal, dos fiscais e vão procurar a melhor maneira possível de botar você pra fora.

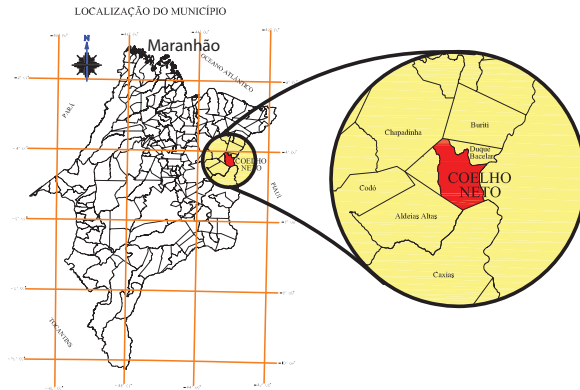
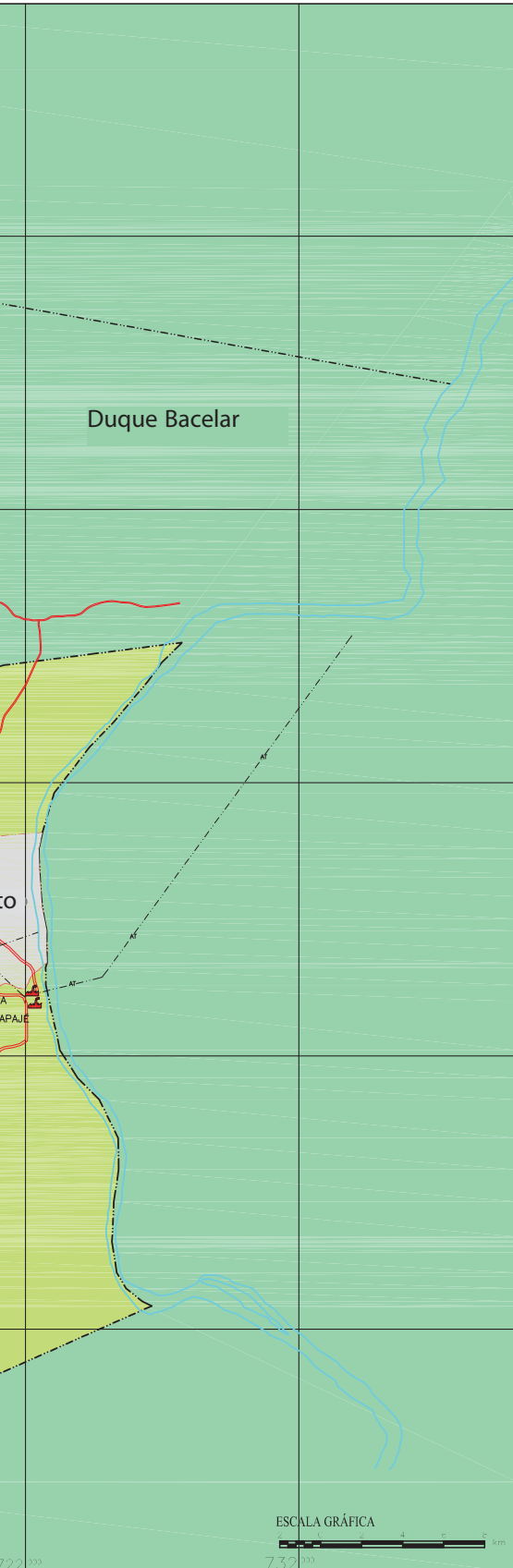


Plantação de cana de açúcar do Grupo João Santos na Comunidade Quilombola Olho D'água Grande



Plantação de cana de açúcar em frente às residências dos quilombolas – Quilombo Pindaré











FONTE CARTOGRÁFICA
 PESQUISA E LEVANTAMENTO "IN LOCO"
 CARTAS TOPOGRÁFICAS DSG: FOLHA SB.23 X-B-1 (COELHO NETO)
 MALHA MUNICIPAL DISPONIBILIZADOS PELO IBGE - 2002

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE COELHO NETO PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA




TERRITORIALIDADES:

-  Comunidade Quilombola Reconhecido
-  Comunidade Quilombola Reivindicado
-  Comunidades Quilombolas localizadas em áreas ocupadas pelo Grupo João Santos
-  Comunidades Extintas pelo Grupo João Santos para Plantio de Cana de Açúcar ou Bambu










RELIGIÃO E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS:

-  Terreiro, salão ou outras práticas religiosas de matriz africana, festas de santo, tambor de crioula, bumba meu boi
-  Antigas áreas de Terreiro, salão ou outras práticas religiosas de matriz africana, festas de santo, tambor de crioula, bumba meu boi.









FORMAS ORGANIZATIVAS:

-  Associação Quilombola
-  Associação de Moradores / Trabalhadores Rurais
-  Comunidade Cristã.

CONFLITO E OUTRAS QUESTÕES QUE AFETAM OS QUILOMBOLAS

-  Pagamento de renda
-  Proibição de cercar terras, criar animais e formar "sitios"
-  Proibição de melhorias nas habitações e edificações
-  Áreas Impedidas de Instalação de Rede Elétrica
-  Áreas Impedidas de "botar roça"
-  Locais de "roças" das comunidades Quilombolas em áreas ocupadas pelo Grupo João Santos
-  Antigos cemitérios
-  Áreas de antigas Casas Grande e Feitorias no município.
-  Placa "Área de Reserva Ambiental"

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

-  Localidade / Povoado
-  Sede Municipal
-  Limite municipal
-  Rodovia estadual
-  Rodovia pavimentada
-  Rodovia implantada
-  Linha de alta tensão
-  Hidrografia

ESCALA GRÁFICA



As “terras da firma” e o pagamento ilegal da “renda”

(...) Eles não deixam cercar. Porque se você levanta um arame, eles já acham que você quer tomar a terra. Na hora que levanta todo mundo já sabe disso né. Na hora que você levanta um arame lá dentro das terras da firma, você já tá... Eles já querem dizer que a gente tá querendo tomar a terra, se apossar. E aí a gente fica oprimido... E a criação, a roça... Se faz, tem que pagar renda. Se não pagar renda também vai punido, com certeza. (...) porque a firma, enquanto você está trabalhando só com a roça e pagando a renda, eles não mexem não. Mas na hora que você levantar uma estaca pra passar o arame pra fazer um plantio no quintal, que tem que ser cercado, na hora que você levanta o arame aí você vai pro lixo na mesma hora. Todo mundo sabe que a firma é assim. **Evilásio Moraes** – Quilombo Cocal

Nós pagamos pros agentes do grupo. E ainda recebe nossa renda em arroz, em cereais. Agora essa renda de cereais, nós pagamos pra um agente, que é uma figura criada pelo grupo João Santos pra fiscalizar as áreas. Ele mora na propriedade e a sede é na Baixa Fria e lá ele comanda Cafundó, Cocal, Centro do Grotão... toda a região, eles comandam lá. **Ezequias Martins** – Quilombo Cafundó

Aí eles plantaram tanta cana gente. É uma camboa aqui em cima, na área do morro.

D. Maria Luíza – Quilombo Baluarte

Olha, outra coisa também dificultosa porque nós a terra... nós não temos terra, é só naquelas quebrada de morro meia alta é referente a quebrada de morro, as quebradas são lisas, é sujeito a gente a se maltratar. Praticamente estou com o joelho desmantelado devido esse escorrego, na minha idade né... e não tem terreno para a gente trabalhar. **Sr. Raimundo Pereira Galvão “Raimundo Gentil”** – Quilombo Olho D’água Grande

(...) também a terra que nós temos, essa terra ela não é o suficiente pra gente trabalhar, ela não é o suficiente, até mesmo porque lá nós não temos morador porque a família mesmo é quem faz parte. A maior parte mesmo é família, só da família mesmo. **Sr. Bernardo Pereira Gaspar** – Quilombo São Pedro

No povoado Pindaré, a maioria dos moradores saíram devido as dificuldades que tamo enfrentando. Outros resistiram e hoje nós temos lá umas trinta famílias. Aqui não cria galinha, não cria nada, não pode criar porque tem a cana pertinho e o bicho passa. **Francisco Borges** – Quilombo Pindaré.



Antigo cemitério cercado pela plantação de cana de açúcar



Cemitério tomado pela plantação de cana de açúcar

“A plantação de cana invadiu nosso cemitério”

Quando morre uma pessoa, a gente vai lá, resolve o que tem de resolver com a cana e acaba plantado as pessoas mesmo.

O cemitério... Aí o pessoal pegou plantar cana dos lados. (...) tem os pé de cana no meio. Eles não conseguiram arrancar toda área para plantar cana. Quando falece uma pessoa, a gente vai lá, dá um jeito e enterra lá mesmo. Às vezes, como já tá concluído a área completa, a gente vai lá, arranca a cana do lado. Esse é o cemitério que ainda existe por lá esse tempo todo. Antigamente, ele era até grande. A área era uns sete hectares de terra. No caso aí vem plantando, plantando, vem diminuindo até chegar o ponto que ficou: só aquela área pequena de terra que talvez tenha duas linhas de terra, só porque não acabaram por causa do pé de árvore que tem, pé de manga, pé de macaúba, aí também não arrancaram. Fizeram umas faixas, umas áreas de faixas que chamam essa estrada ao redor, e aí disseram “isso aqui não pode plantar não por que é o cemitério”. Só que a parte maior eles comeram, só ficou a parte externa que tava o pé de manga, como eu estou dizendo. Aí o que acontece, quando morre uma pessoa, a gente vai lá, resolve o que tem de resolver com a cana e acaba plantado as pessoas mesmo.
Antonio Divino de Mores Silva – Quilombo Olho D’água Grande

Plantar só capoeira... num tem mata. Eles tiram toda madeira aí colocam uma placa proibindo você de fazer roça. A madeira... eles tiram tudo, não deixam nada. Fernando Alves – Quilombo Santa Maria

E ainda falaram o seguinte: “já que vocês querem morar aqui, vocês tem que morar é em cima do morro”. E aí outra estratégia que eles usam, que eles usam muito aqui na região é que, por lei, eles precisam preservar determinadas áreas, é a Lei Ambiental. Só que eles procuram a área exatamente lá no meio das casas. Botam as placas lá no meio das casas, que é pra impedir o cara de cortar uma árvore, fazer uma arapuca, uma casa ou uma roça. Aí com isso eles tão dando pressão psicológica nas pessoa. As pessoa terminam dizendo: eu não vou fazer roça, vou embora...
Ezequias Martins Quilombo Cafundó

A água é muito preta. Você vê no poço ali. Dá muita confusão lá pois bota remédio na cana e dá diarréia nas crianças... baldiar. Então taí... é muito difícil, principalmente pros que é da terra...
Francisco Borges – Quilombo Pindaré



Placa indicando “Área de Reserva Legal”



Roça de mandioca no Quilombo Cafundó

Reivindicações

Nós temos vontade mas não cria. A cana é em cima da casa, tanto pra frente como pra atrás. Deuzita Duarte da Silva – Quilombo Baluarte

Agora a gente queria ter um lugar pros filhos, pros netos, ficar sossegado já que aqui é uma área de herança e não foi vendido pra ninguém. (...) O título foi registrado no cartório e o documento dessa terra carregaram daqui da minha avó. Vivia dentro do baú da casa dela. Eu acho que a firma deveria cuidar da área que pertencesse a firma. **Sr. Antonio José da Silva “Bispo” – Quilombo Pindaré**



Escola no Quilombo Cafundó

... A comunidade negra de Pindaré queremos um futuro, pra mim e meu povo todo que tem dentro de Pindaré, que lá nós precisamos de um colégio, precisamos de uma capela, precisamos de um posto médico, que nada disso tem. Precisamos de um poço artesiano que num tem, nada disso tem. Precisamo fazer um conjunto de casa, porque todo mundo é pobre não pode fazer uma casa... Passa um ano ... O que tem não dá pra comer. **Raimundo Marcelino – Quilombo Pindaré**

Então nós estamos ali numa área, como já falei, há muito tempo, mas oprimidos pela situação. Não temos condição de fazer nada. E o que nós queremos lá, que nós estamos querendo é um pedaço de terra, a terra onde estamos vivendo né, porque é o que estamos precisando (...) A luta que nós estamos é pra isso né, é pra que a gente tenha liberdade de trabalhar naquela terra com todo o direito. Se isso vier a acontecer é muito bom. É o nosso empenho, a nossa força. **Evilásio Moraes – Quilombo Cocal**



Primeira Escola Quilombola do município



Vista do Quilombo Pindaré

Comunidades Quilombolas Reconhecidas

Quilombo São Pedro
Quilombo da Selva
Quilombo do Matapasto
Quilombo dos Quatis
Quilombo do Bastião
Quilombo do Encantado*
Quilombo do Barro Vermelho
Quilombo da Taboca*
Quilombo Cruz
Quilombo Calumbi
Quilombo da Bahia
Quilombo da Sapucaia
Quilombo do Conga*
Quilombo da Canoa
Quilombo do Cocal
Quilombo Santa Maria de Cima
Quilombo do Escondido*
Quilombo Centro do Grotão*
Quilombo do Refúgio*

*Comunidades Quilombolas desativadas pelo Grupo João Santos para plantio de cana de açúcar

Comunidades Quilombolas Reivindicadas

Quilombo Pindaré
Quilombo Baluarte
Quilombo Olho D'água Grande
Quilombo Santana Velha
Quilombo Cafundó
Quilombo Sobrado I

Comunidades Quilombolas rodeadas pelas plantações

de cana de açúcar do Grupo João Santos
Baluarte
Olho D'água Grande
Pindaré
Bahia

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford/ PPGSCA/ UFAM)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres Artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das Peconheiras e Peconheiros da ilha de Itaocãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

REALIZAÇÃO

Associações de Agricultores e Agricultoras Familiares Quilombolas do Município de Coelho Neto

APOIO

GESEA-UEMA

Prefeitura Municipal de Coelho Neto – Secretaria de Assistência Social e Secretaria de Educação

ACONERUQ – MA

CONAQ – Coordenação Nacional de Quilombolas

